

JOSÉ MIGUEL GONZÁLEZ CASANOVA



Meios Múltiplos

Tradução: Karine Perez

RESUMO

O artigo apresenta os métodos e procedimentos de concepção, elaboração e impressão das publicações seriadas realizadas em três edições do Seminário de Meios Múltiplos (Seminario de Medios Múltiples) por alunos de artes visuais da Escuela Nacional de Artes Plásticas, Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM.

PALAVRAS-CHAVE

Seminario de Medios Múltiples. Ensino da arte. Publicações de artistas. Multimeios.

MEIOS MÚLTIPLOS

Iniciamos o Seminário de Meios Múltiplos com os seguintes objetivos: gerar investigações teórico-práticas interdisciplinares em torno da arte pública; buscar novos canais de circulação e leitura; criar redes de arte e educação nas quais a academia se integre à vida. Desta forma, os alunos são ao mesmo tempo professores, assim como o público torna-se criador.

O Seminário se propõe como um projeto educativo que considera que a aprendizagem da arte se dá na geração de experiências comuns, nas quais se integram artistas e públicos específicos. O saber da arte se dá na vivência, seu aprendizado é resultado de sua experiência direta, que funciona como uma ferramenta de conhecimento quando opera efetivamente em uma realidade específica. Nestas experiências estéticas compartilhadas, geradas pelos participantes deste projeto, ampliam-se e se entrecruzam os campos da educação e da arte, tanto entre nós, como na relação com os públicos que cada obra apresenta. No Seminário, cada aluno é um jovem artista, possuidor de um projeto sério e coerente com o contexto em que se realiza e com o público que dialoga. Cada um ensina para aprender. A maioria dos trabalhos está focada na busca de abertura de espaços de circulação da arte, e para a participação do público na realização da obra.

Partimos das seguintes premissas:

- A significação da arte provém da leitura que realizam determinados espectadores. Por um lado, supõe a produção de signos, e por outro lado, a geração de redes de circulação que permitam leituras possíveis.

- O saber da arte se dá na vivência. A aprendizagem é resultado de sua experiência direta, que funciona como uma ferramenta de conhecimento quando opera efetivamente em uma realidade específica, nas consciências e vontades subjetivas e intersubjetivas.

- As possibilidades de diálogo com essas realidades se dão a muitos níveis e de maneiras múltiplas, pelo que a obra opera melhor de maneira interdisciplinar: no campo aberto, terra de ninguém, que favorece a criação de canais de comunicação e a ampliação de públicos.

O Seminário de Meios Múltiplos, 2003 a 2011.

Fundi o Seminário de Meios Múltiplos, da Escuela Nacional de Artes Plásticas (Universidad Nacional Autónoma de México), no ano de 2003. A partir dessa data graduaram-se três turmas, e em um ano planejamos que se a quarta conclua. O ciclo de cada turma tem uma duração de três anos, nos quais se realizam reuniões semanais, que alternam leituras compartilhadas, exercícios práticos, grupais e individuais, e a revisão coletiva dos projetos. Para realizar sua investigação, cada estudante propõe uma hipótese e a demonstra ao longo de um processo de estudo e análises teóricas, assim como de uma investigação experimental em suas práticas artísticas.

Um dos objetivos específicos é realizar um trabalho final de curso de graduação – na Escuela Nacional de Artes Plásticas –, mas o que nos reúne, como sentido final do trabalho, é a publicação de um livro no qual se apresenta o resultado dos projetos ao concluir o ciclo. Isso resulta muito importante, pois agrega um valor profissional, que supera a ordem escolar, ao objetivo geral – e fundamental deste projeto didático – de gerar processos de investigação e autoformação coletiva.

Os estudantes ingressam no Seminário mediante uma convocatória dirigida fundamentalmente a alunos do curso de Artes Visuais da ENAP/UNAM, ainda que também esteja aberta a estudantes de outros cursos, universidades e escolas do país, inclusive de outros países. A convocatória solicita que o aluno entregue um projeto com as seguintes características:

– hipótese teórico-prática (a qual se demonstrará num texto a partir de duas disciplinas teóricas distintas, e na realização de uma obra que parta de duas práticas artísticas);

- apresentação do tema e objetivos em duas páginas;
- sumário;
- bibliografia de dez livros diretamente vinculados ao tema;
- portfólio relacionado ao projeto.

Todas as investigações pessoais são compartilhadas e discutidas no grupo, ao mesmo tempo em que se realiza uma indagação comum em temas e obras coletivas. No curso permanente, realizam-se diversos tipos de exercícios teóricos e práticos: geram-se dinâmicas, coletivas e pessoais, de criação, investigação e análise; discutem-se os projetos e se compartilha informação; organiza-se o trabalho pessoal em uma estrutura de coletivização da aprendizagem, na qual todos aprendem e ensinam. Assim buscamos que os jovens artistas aprendam a estruturar um discurso artístico através da leitura, escrita, discussão, investigação, produção e intercâmbio.

Para facilitar a redação, realizam-se exercícios de organização do sumário por meio de diagramas, que vão desde a tradicional árvore, com raízes, tronco, eixos principais e secundários, até os rizomas: cada tema se desenha nas camadas de uma

cebola, em um mapa como se fossem países, em um diagrama de fluxo de navegação de um sítio de internet, etc. Também colocamos em prática exercícios de escrita, que sempre devem estar vinculados tematicamente ao projeto de investigação. No início, seguimos um método próprio do jornalismo: faz-se uma crônica, redigida em primeira pessoa, uma entrevista a um especialista ou personagem relacionado com a obra, uma reportagem, escrita em terceira pessoa, etc., para terminar com redações mais filosóficas, como 20 aforismos e um ensaio. No desenvolvimento dos ensaios, busca-se criar um contexto teórico aos projetos práticos. Para isso se evita a autorreferencialidade das práticas da arte com a intenção de mostrar sua relação com as realidades nas quais se realiza.

Ditas atividades encontram-se de mãos dadas com a leitura e a discussão de textos, em aula, de autores como Debord, Deleuze, Vaneigem, Merleau-Ponty, Bachelard, Bergson, Heidegger e Huizinga, entre outros. Além disso, realizam-se aulas temáticas nas quais cada estudante investiga um aspecto diferente e o expõe, conseguindo reunir em coletivo uma grande quantidade de informações, pontos de vista e maneiras de abordar o tema. Os conteúdos são escolhidos com o grupo de alunos que compartilha inquietudes comuns, como: o que é a arte, a cidade, o corpo, o tempo, o espaço, a identidade, a história, o jogo. Em cada turma, os temas aglutinadores surgem naturalmente da reunião dos projetos. Em todas têm se repetido os mesmos interesses, mas poderíamos dizer que, para a primeira, as investigações se dirigiram mais ao espaço público, enquanto que a segunda se centrou no tempo, e as duas últimas – que trabalharam juntas – na identidade.

Também realizamos práticas pessoais, como fazer uma deriva (tática situacionista que consiste em perder-se na urbe), uma peça a partir de um sonho, um presente, uma obra irracional, comunicar-se com o mundo sem falar durante 24 horas, ou realizar uma obra sem modificar fisicamente nenhuma realidade, movendo as coisas; assim como exercícios coletivos, como fazer um dia de jogos no Zócalo e envolver os transeuntes, entre outros. As dinâmicas de trabalho em aula variam de um tema a outro, e podem ir da mera discussão ou análise de textos e projetos até exercícios coletivos, tais como o que fizemos, escolhendo, cada estudante, um filósofo, como Platão, Aristóteles, Kant, Hegel, Marx, Heidegger, Nietzsche, Adorno, etc., para ter um debate sobre o que é a arte, assumindo como própria a postura do personagem escolhido; ou no qual ordenamos todos os objetos que tínhamos a mão no ateliê para fazer a maquete de uma cidade; ou quando nos reunimos para escrever um manifesto de arte como jogo. Em todos esses exercícios propõe-se aos estudantes fazerem uma investigação prévia e contribuírem para uma reflexão em sua prática.

Ao mesmo tempo em que realiza seus projetos práticos, cada aluno cumpre com a seguinte série de exercícios para apoiar sua investigação teórica.

GUIA DE TAREFAS

1. Explique por escrito: qual é a hipótese?
2. A partir de que referências teóricas e práticas você chegou a ela? Quais são os motes (pessoais, da cultura, teóricos e práticos) dos quais parte para chegar a esta tese? (Incluir bibliografia citada, tanto obras quanto teorias.)
3. Como tem desenvolvido esta ideia em sua prática artística?
4. Quais são os campos de estudo com os quais seu projeto se relaciona diretamente? (Antropologia, filosofia, sociologia, ciência, etc.)
5. Quais são as idéias básicas que necessita demonstrar para concluir a hipótese? Estruture um sumário com elas.
6. Esboce uma demonstração com axiomas do desenvolvimento dessas ideias até a conclusão da hipótese. Em seguida, ajuste o sumário.
7. Explique brevemente cada um dos conteúdos de seu sumário. Escreva um parágrafo para cada tema.
8. A partir da leitura de *Rizoma*, de Gilles Deleuze, desenhe uma série de diagramas organizando os temas de teu sumário, primeiro no diagrama de uma árvore (raízes, tronco, ramos principais e ramificações secundárias), depois no de uma cebola, onde os temas se desenvolvam por camadas e, finalmente, em modo de mapa, onde localize os temas espacialmente, considerando suas fronteiras e vizinhanças.
9. Faça uma deriva na cidade (método situacionista de deslocamento sem finalidade de percurso, no qual o sujeito se translada perdido no espaço). Escreva uma crônica que conte a experiência (escrita na primeira pessoa, com um desenvolvimento temporal linear do passado ao presente).
10. Explique por escrito: com quem você dialoga com seu trabalho e o que pretende provocar com sua obra?
11. Faça uma entrevista com alguém que se relacione com o seu projeto.
12. Realize uma reportagem em terceira pessoa sobre algum tema relacionado com seu projeto (seguindo as linhas da reportagem jornalística que requer informação objetiva).
13. Escreva a crônica de alguma experiência coletiva em que tenha participado (redigida em primeira pessoa do plural).
14. Escreva a sua definição dos seguintes conceitos:
 - tempo;
 - espaço;
 - arte;
 - identidade;
 - comunicação;

- economia;
- jogo;
- amor.

15. Investigue cada tema e faça com seu grupo uma reunião para cada um, com a finalidade de compartilhar seus descobrimentos e juntar textos.
16. Faça um glossário das palavras mais relevantes em seu projeto. (Entre 5 e 10 palavras, revise dicionários filosóficos e etimológicos para começar tua investigação.)
17. Escreva um aforismo cada semana, até realizar um mínimo de 20.
18. Troque com seus colegas os aforismos e assinalem as palavras comuns que se encontrem nos textos para criar um hipertexto (ligações entre os textos).
19. Faça uma lista de 25 pessoas que você crê que lerão o ensaio que está escrevendo, e uma lista imaginária ideal de 5 pessoas que gostaria que lessem seu texto.
20. Escreva um ensaio de 20 páginas que demonstre uma hipótese, a partir de uma reflexão teórica que teça experiências e ideias, pessoais e culturais, que tenha um desenvolvimento lógico de exposições, que possam ser, por exemplo:
 - cronológicas pessoais;
 - históricas (experiência coletiva);
 - filosóficas ou estéticas;
 - espaciais/corporais (psicogeográficas).

Procure integrar aforismos, crônicas, reportagem, entrevista, a própria obra e todas as experiências do curso.
21. Faça um ensaio visual em que as ideias se desenvolvam através da sequência de imagens sem texto, nas quais você possa incluir imagens próprias.

A dinâmica de reunião da turma varia ao longo dos três anos que dura o Seminário, mas recorre frequentemente a reuniões para comer, nas quais se dialoga, lê-se, e inclusive se realizam ações. Aluno é, etimologicamente, o que se alimenta, e neste caso se trata de que cada um leve o sustento para compartilhar: tanto a comida, como a investigação teórica e o registro de exercícios práticos e peças. A sobremesa é um estupendo momento para o intercâmbio.

Em todos os ciclos do Seminário, durante os dois primeiros anos nos reunimos semanalmente, muitas vezes para comer juntos. Vemo-nos em distintos lugares, como na ENAP, na sede de Xochimilco e em San Carlos (durante um ano), nas casas dos seminaristas, ou em parques e nas *islas** da Cidade Universitária. Ocorreu nas três turmas, que no último ano o processo de trabalho mudou para reuniões vespertinas ou noturnas, para elaborar o livro num ambiente privado, relaxado e sem horários, de maneira que, às vezes, terminavam em festa e celebração coletiva. A festa pode ser também um ótimo meio de comunicação e aprendizagem.

* *Las Islas* (as ilhas) é a denominação popular da grande esplanada central da UNAM, formada por uma grade de gramados e caminhos ortogonais; é local de descanso, piqueniques, eventos etc. (N. do E.)

Os livros *Medios Múltiples*

Além das investigações pessoais, um elemento importante deste projeto educativo tem sido incluir práticas coletivas: cada turma realizou, em grupo, intervenções de arte pública, organizou exposições, conferências, e diversas apresentações, assim como publicou fanzines – que constituem um exercício preparatório para a publicação do livro. Um ano antes da publicação fazemos um fanzine. O exercício rendeu uma coleção de quatro peças muito interessantes, nas quais se apresentam textos curtos e muito trabalho de imagem.



Medios Múltiples, edições 1, 2 e 3.

Ao término dos primeiros quatro semestres do Seminário, a investigação dos participantes conta com um avanço considerável. Assim começamos uma etapa importante: o compromisso por publicar um livro com o resultado dos projetos teórico-práticos. Para isso é necessário passar a uma etapa de realização profissional na qual os estudantes se envolvem na gestão para reunir os patrocínios, ao mesmo tempo em que confrontam as soluções próprias de projeto gráfico e editorial.

Cada um se compromete com sua parte, ao mesmo tempo em que, entre todos, expomos soluções coletivas. Os livros, impressos em cores, contêm 10 textos de

20 páginas, acompanhados de imagens dos projetos práticos de cada seminarista. O projeto gráfico de cada capítulo é diferente, desenvolvido por cada autor em um espaço de 20 páginas, num trabalho em dupla com um *designer* que coordena o conjunto – que em cada caso é um graduado da ENAP da mesma turma dos seminaristas.

Publicamos o primeiro livro em setembro de 2005, *MM1*, com uma tiragem de 1000 exemplares, e um baixo orçamento; apresentamos *MM2* em novembro de 2008, com 2000 exemplares; e, com as mesmas características, entrou em circulação o *MM3* em novembro de 2011. Tematicamente existem coincidências entre os três, mas pelos projetos pessoais, e a discussão em aula, predominou, no primeiro, a reflexão sobre o espaço, do corpo à rua e à realidade virtual. No segundo, o tempo, a partir da ação subjetiva, como jogar e viajar; a economia, e no terceiro a identidade, a partir da roupa e o gênero até a política e as redes sociais.



O primeiro livro resultou mais difícil, só tínhamos o precedente da publicação em fotocópias de fanzines (que chegaram a ter uma tiragem de 500 exemplares) e não havia nenhum orçamento estabelecido. Desde a maneira de financiá-lo teve que ser discutida, nos perguntávamos até que ponto buscar patrocínios, de quem e o que isso significava. Os jovens tinham muito claro que não queriam um logotipo transnacional no impresso. Ao mesmo tempo em que desejávamos manter a independência de nossas publicações fotocopiadas, queríamos editar um livro, e para isso a solução foi cada um de nós, os dez participantes, contribuímos com uma quantia que nos permitia ter um terço do que custaria, e nos dedicamos a buscar patrocínios. Os estudantes montaram uma pasta e se puseram a movê-la, com o que conseguiram a doação do papel (Papeleria Lumen) e um patrocínio da Fundación/Colección Jumex. O livro teve um custo de aproximadamente seis mil dólares. Foi uma publicação barata que teve boa aceitação e já está quase esgotada.

O principal problema desta primeira edição foi o trabalho de *design*. Partimos da premissa de que cada um contaria com 20 páginas e projetaria sua parte, mas nos faltou a consciência da importância do que coordenava o conjunto. Além disso, não é suficiente saber artes visuais para projetar, que tem seu próprio ofício. Tínhamos contratado um *designer* gráfico que juntou as partes, mandou o livro para a gráfica sem nos mostrar e desapareceu. Nunca voltamos a vê-lo, dizem que se casou... Enfim, a partir dessa tragédia os números seguintes couberam a um jovem *designer* gráfico de sua turma, graduado da mesma ENAP, o que significou uma importante descoberta, tanto editorial quanto didática.

A partir do segundo livro, o projeto e a qualidade editorial melhorou consideravelmente. Além disso, conseguimos um subsídio maior da Colección/Fundación Jumex e voltaram a nos doar papel, o que permitiu trabalhar com uma gráfica de qualidade e duplicar a tiragem. Para a segunda ocasião dispúnhamos de experiência para melhorar o modelo didático e editorial. Consolidou-se um grupo especial, muito coordenado e harmônico; pudemos constituir um mecanismo que coordenou todas as partes, desde o *design* até a distribuição. Uma rede de dez distribuidores chega a muitas bibliotecas e livrarias.

O terceiro volume não variou nas características editoriais. O que diferiu foi o contexto acadêmico, pois conseguimos um patrocínio da Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, que nos permitiu organizar muitas atividades, dentre as quais: oito ateliês internacionais, doze cursos locais, oito intervenções coletivas no espaço urbano e quinze individuais de estudantes do seminário. Antes do *design* do livro já contávamos com um sítio na internet realizado pelos estudantes (<http://mediosmultiples.mx>). O grupo tinha muita experiência trabalhando junto, o que proporcionou organização, mas, por não ter a experiência do trabalho de gestão, às vezes faltava iniciativa. Mas, o mais importante, comprometeu-se e, felizmente, saiu a terceira publicação com a mesma qualidade da anterior.



Medios Múltiples 2, 2008.

O mesmo subsídio favoreceu que criássemos uma quarta geração de Meios Múltiplos, que também assistiram a cursos e oficinas, selecionados por terem os projetos mais verdes naquele momento, e que agora estão se preparando para publicar o seu volume ao final deste ano. Por enquanto, contamos com uma bolsa da UNAM – finalmente com recursos de nossa casa de estudos! –, que nos permite fazer uma edição em preto e branco, pelo que, no caso de não conseguirmos outro recurso, o quarto livro terá apenas uma impressão. O que me parece um desafio interessante. Até aqui a crônica que continuará em nossa próxima edição de MM4.

Cidade do México, maio de 2012.





JOSÉ MIGUEL GONZÁLEZ CASANOVA

Artista visual interdisciplinar. Estudou Artes Visuais na Escuela Nacional de Artes Plásticas (ENAP), da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), lugar no qual é professor há 24 anos. Realizou numerosas exposições no México e no exterior. Sua obra pertence a diversas coleções públicas como o Museo Universitario de Arte Contemporáneo e o Museo del Chopo, UNAM, o Museo Carrillo Gil, o Salón Nacional de Artes Plásticas del INBA, assim como o Museu da Gravura de Curitiba. Seu trabalho desenvolveu-se principalmente no desenho, instalação, intervenção urbana e na docência. Alguns de seus projetos são: *Banco Intersubjetivo de Deseos* (www.bid.com.mx), *Seminario de Medios Múltiples* (<http://mediosmultiples.mx>) e *Jardín de Academus* (<http://jardindeacademus.org.mx>), entre outros. Editou seis livros de 2005 até esta data, dos quais é autor ou co-autor, como *Medios Múltiples*, *Agenda Oculta* e *Gramática del dibujo en 100 lecciones*.